

O SISTEMA HIDRÁULICO DO VALE DO HUECHA SOB O DOMÍNIO DO MOSTEIRO DE VERUELA (ARAGÃO)

por

Simonne Teixeira*

Resumo: A presente comunicação faz parte de um projecto mais amplo (tese de doutoramento) cujo objectivo é o estudo do espaço rural andaluz no alto vale do Huecha (Aragão — prov. Zaragoza), sob o domínio do Mosteiro de Veruela. A reorganização espacial empreendida por este mosteiro produz uma profunda modificação no espaço originário «andalusí». A documentação dos séculos XII e XIII, contrastada com um trabalho de prospecção hidráulica, permitiu a realização desta análise espacial.

Palavras-chave: Cister. Al-Andalus. Hidráulica.

Este trabalho é parte de uma tese de doutoramento que actualmente desenvolvemos sobre o domínio do Mosteiro de Veruela no vale do Huecha (séculos XII-XIII), sob a orientação do Dr. Miquel Barceló, catedrático da Universitat Autònoma de Barcelona. O presente artigo pretende ser uma pequena contribuição ao estudo dos espaços irrigados andaluzes desenvolvidos nos últimos anos, sobretudo nas regiões sul e sudeste da Espanha e Ilha de Malhorca. Pretende ser também uma contribuição, um pequeno grão de areia, no imenso deserto historiográfico que é a “Marca Superior de Al-Andalus”¹.

Aquando da conquista árabe-berbere um considerável contingente árabe instala-se por todo o vale do Ebro, sobrepondo-se à população local. Este grupo de recém-chegados, composto basicamente de árabes do sul (iemenitas), põe em

* Universitat Autònoma de Barcelona. Pede-se indulgência do leitor para com o português, necessariamente não muito perfeito, da autora, apesar de muito corrigido pelo coordenador das Actas.

¹ Na realidade este deserto vê-se, desde há alguns anos, cada dia menos árido. M. J. Vigueira, C. Escó, P. Senac entre outros têm aberto passo a novas caravanas.

Quando os monges chegaram a Veruela — ou Berola, segundo a documentação latina do século XII — não tardaram muito a querer estender os seus domínios pelos territórios contíguos de Trahit e Bera⁵. Ambas eram vilas reais dependentes de senhores de Borja e Tarazona: Bera dependia de Pedro de Atarés, o mesmo que havia feito a primeira doação ao mosteiro, enquanto Trahit tinha laços de dependência mais complexos.

Este território dependia em partes iguais a dois senhores, a saber: Petrus de Sancta Cruce, senhor em Borja, e Fortum Aznarez, senhor em Tarazona, que designaram Petro de Balmazan, também senhor em Borja, como lugar-tenente.

Já havendo demonstrado interesses por esta área⁶, em 1155 Ramóm Berenguer IV, doa aos cistercienses de Veruela o castelo de Montfort e todo o território correspondente, incluindo os vales de Morca, Sezeron e Figerola⁷. Posteriormente, em um documento sem data, os senhores do lugar, os já mencionados Fortum Aznarez e Petrus de Sancta Cruce, vendem por 470 morabitanos⁸, "*Trahit quod uocatur Montforte*" incluindo castelo e vila, com os vales de Morca, Sezeron e Figerolas.

Uma vez adquiridos os direitos senhoriais sobre esta área intensificam-se as doações a favor do mosteiro assim como as compras que faz o mesmo sobretudo na segunda metade do século XII. Uma das mais importantes doações é a que fazem vários proprietários de uma vez — doze no total — todos eles vizinhos de Trahit, de todas as suas herdades⁹. Trahit desta forma converte-se em uma granja cisterciense, muito vantajosa para os monges, não apenas porque se tratava de um terreno fértil, irrigado e com um moinho, mas também pela proximidade com o cenóbio que por esta data se contruía. Por fim, em 1162 se vêem livre do pago de dízimos e primícias ao bispado de Tarazona em troca de 300 ovelhas com os seus carneiros nos lugares de Vera, Vilamayor e Trahit, locais estes pertencentes ao mosteiro¹⁰.

⁵ Bera é a forma em que aparece Vera de Moncayo, na documentação medieval.

⁶ Os monges compram peças, horta e casas (1146-1147). A.H.N. Códice 995-B. fl. 20. A.H.N. Códice 995-B. fl. 37' e 38.

⁷ A.H.N. Códice 995-B. fl. 36 "*offerro, concedo et dono Omnipotento Deo et Beate Marie berolensi, ipsum castrum quod dicitur Montfort cum omnibus existentibus*"...

⁸ Trata-se de um documento complexo onde os senhores de Trahit doam o castelo ao mesmo tempo que vendem o direito sobre o mesmo e sobre a vila; "*...damus Trahit quoduocatur Montfort. Et insuper uendimus per .CCCCis. et .LXX.morabetinos totem villam et castrum cum vallem Morcha et Sezeron et Figerola*".

A.H.N. Códice 995-B. fl. 36 e 36'.

⁹ A.H.N. Códice 995-B. fl. 36'.

¹⁰ A.H.N. Códice 995-B. fl. 2.

permeável, o que permite uma absorção total das águas, fazendo com que estas percorram o seu curso natural através do lençol freático. Apenas no tramo mais alto do vale e em algum pequeno tramo do percurso, quando já alcança a depressão do Ebro, é que as águas correm sobre a superfície do leito do rio. Estas águas absorvidas reaparecem ao longo do curso natural em forma de fontes que são na sua totalidade aproveitadas para a irrigação.

Devido a esta marcante característica, os canais de irrigação funcionam como rios artificiais, atingindo grandes longitudes e transportando um considerável volume de água. Com efeito, as populações locais denominam de rios estes grandes canais de irrigação — Rio de Morana, Rio das Covas, Rio Sorban, etc. Mateu Bellés já chamou a atenção sobre o papel dos canais de irrigação enquanto redes de distribuição de água, em contraposição à rede natural, que constituem os rios e barrancos, de concentração de água¹³. No caso do rio Huecha o elemento de distribuição torna-se fundamental, porque sem ele não seria possível pôr em prática nenhuma actividade agrária irrigada em grande parte do vale.

Na cabeceira do vale, encontra-se Añón, que desde 1140 havia sido entregue à Ordem do Hospital pelo bispo de Tarazona¹⁴. Provavelmente tratava-se de uma alqueria, e a sua localização sobre um monte no interior do vale, faz com que pensemos que estivesse fortificada. Na realidade o lugarejo actual assenta sobre uma enorme fortaleza — provavelmente a templária — que pode ter suas origens no período andaluz.

Descendo o rio numa direcção sul-norte, destaca-se à direita uma colina onde assenta Alcalá de Moncayo. Neste tramo o rio ganha mais largura, devido às fortes enxurradas da primavera. A escassos 1,5 km na margem esquerda encontra-se o moinho de Train, no extremo de um pequeno monte alongado. A esta altura o leito seco do Huecha desvia-se algo mais para nordeste, onde se estreita mais o vale, flanqueado por montes de alguma elevação, para alcançar a aldeia de Bulbunte. Por detrás dos montes que se alçam à esquerda neste tramo, encontra-se uma extensão de terras mais planas onde se encontram o mosteiro de Veruela e algo mais a norte, o povoado de Vera de Moncayo. (Fig.1).

3.2. A paisagem medieval: o território, a fortaleza e as aldeias

Este trabalho limitar-se-á ao actual termo municipal de Alcalá de Moncayo,

¹³ Mateu Bellés, J. 1989 – pp. 165.

¹⁴ Ledesma Rubio, M.J. s/data – pp. 128.

Portanto, anteriormente ao ano de 1203 não consta uma só vez o nome de Alcalá, assim como posteriormente ao ano de 1238 o toponimo Montfort desaparece por completo.

Sabemos que o termo Alcalá (*palca*) aparece mencionado nas fontes árabes relacionado com fortificações associadas aos primeiros conquistadores, e que tende a perder a sua função originária. A aparição de *husun* parece ser posterior e relacionada às comunidades camponesas servindo sobretudo de refúgio²⁰.

No caso que nos concerne, a evolução do topónimo na documentação verolense não nos permite desvendar, portanto, o carácter essencial desta fortificação. O nome Alcalá tem um aparecimento tardio, frente a um termo latino — Montfort — que de certo modo parece consolidado na documentação monástica. Porém, não podemos esquecer que os documentos são parciais, e ainda que os conquistadores usassem nos seus documentos o termo cristão, a população andaluza que permanece poderia continuar o termo árabe. Preferimos pensar que, ao tempo da conquista, o carácter de fortaleza já tinha desaparecido, cumprindo agora o papel de *hisn*, isto é, de refúgio da população camponesa.

Trahit, além de ser o nome genérico de todo este território, seria uma pequena alqueria situada águas abaixo do lugar de Montfort onde, como referimos anteriormente, se encontra actualmente um moinho²¹. O casario do moinho encontra-se associado a um espaço irrigado e não é possível identificar restos arqueológicos que pudessem referir-se ao habitat, nem nas ladeiras do monte onde se encontra o moinho, nem em uma ladeira próxima chamada “*El Villar*”, onde se pode encontrar algum resto de tijolos e telhas muito pouco significativos. Actualmente toda esta parte pertence ao município de Vera de Moncayo e provavelmente foi incorporada neste município na desamortização dos cistercienses em 1834. Quando os monges de Veruela decidiram deslocar a população de Trahit e concentrá-la no lugar de Alcalá, guardaram para si o moinho e as terras irrigadas incorporando-os no território de Veruela²². Com a desmortização o que correspondia a Veruela passa integralmente ao município de Vera de Moncayo, perdendo Alcalá os direitos sobre este terreno.

Por último está Sesedon ou Ceseron que nas fontes documentais aparece estritamente associado a Montfort. Sabemos que havia uma zona de bosque ou de “*mata*”²³ e que também possuía terrenos cultivados²⁴. A denominação actual — Cizadón — numa zona periférica da povoação leva-nos a crer que, no século XII,

²⁰ Ación Almansa, M. 1989 – pp. 137–150.

²¹ A.H.N. Códice 995-B. fl. 37 e 37'. A.H.N. Códice 995-B.fl. 39.

²² “*Carta Puebla*”, nota 18.

²³ A.H.N. Sec. Clero/Veruela, carp. 3766, perg.4 “*ex parte occjdentis peçam correyos et matam de Cizadon*”...

²⁴ A.H.N. Códice 995-B. fl. 20'. A.H.N. Códice 995-B. fl. 37'.

precisar a sua antiguidade, mas podemos assegurar que este é o princípio do sistema originário, tanto porque o açude actual rio acima vem a unir-se ao canal desta galeria de drenagem. A origem árabe das *cimbras*, vem reforçada pela possível difusão tecnológica iemenita, já sugerida por P. Cressier e M. Bertrand para o vale de Andarax²⁸. (Cimbra) Fig. II.

O Rio de Morana — ou rego de Morana — corre pela margem direita do Rio Huecha, seguindo a curva de nível e mantendo sempre um forte desvível com relação ao rio. A aproximadamente 1,5 km da galeria de drenagem o rego é incrementado por uma potente fonte — *fuelle del prado* — que aumenta o seu caudal. Antes de seguir para Alcalá, sempre regando os terrenos do fundo do vale, moveria as rodas de um moinho e as pás de um “*batán*”, que atualmente já não existem²⁹ e a um desnível de aproximadamente 50m com relação ao leito do rio, segue até Alcalá que se encontra a 766m de altitude. Em Alcalá o rego de Morana continua impassível por uma zona de montes e matagal a sua trajectória até Ambel, que se encontra a um altitude de 594m.

É justamente no ângulo em que o canal toma a direcção de Ambel que está a comporta do braço de canal que chega a Alcalá. O canal, que actualmente passa por entre as casas do lugar, serviria de limite entre zona de residência e a de cultivo, que chega às margens do Huecha. Actualmente e certamente a partir de quando se pôs em cultivo a parte de Cizadón, outros braços de canais de rega derivados do rego principal de Morana chegam à horta e depois de irrigar esta zona, somam-se ao caudal do primitivo braço que regaria uma área de aproximadamente 8,8 ha. (Fig.3).

3.3.2. Trahit e o Rio de las Cuevas

As águas que chegam ao lugar de Trahit procedem de umas cavidades situadas próximo ao leito do rio, mesmo abaixo do lugarejo de Añón. Estas águas descem pelo mesmo leito do rio e no limite dos termos municipais de Añón e Alcalá de Moncayo são desviadas por meio de um açude para o canal «de las cuevas». Este canal desce pela margem esquerda e também apresenta bastante desnível em relação ao leito do rio. Em frente de Alcalá de Moncayo passa por para o moinho³⁰ e daí segue para o moinho de Train. A horta com 1,6 ha associada ao moinho devia ser irrigada com um braço do rego principal, já que este anteriormente devia desviar-se logo depois do moinho de Train, girando para a

²⁸ idem,...pp. 130-131.

²⁹ A data mais antiga que possuímos sobre estas duas fábricas é a de 1445 (A.M.B. 446-13).

³⁰ Este moinho não está documentado e denomina-se “Martinete” certamente aludindo aos martelos mecânicos que substituíram as rodas de pedra.

esta água devia descer pelo barranco — ou vale — de Morca e unir-se às águas das cavidades que descem pelo mesmo leito do Rio Huecha. Desta forma seria retida e conduzida pelo canal “de las cuevas”.

4. O ESPAÇO DO BOSQUE

Sem dúvida a parte alta do vale do Huecha esteve em tempos medievais coberta por um vasto e espesso bosque. O que desconhecemos, porém podemos imaginar, são as actividades complementares que devia permitir aos camponeses todo este bosque. A recollecção de frutos silvestres e a pecuária organizados nos moldes das comunidades camponesas permitiriam um importante enriquecimento na alimentação. A proximidade de importantes núcleos, como Borja e Tarazona, leva-nos a pensar na existência de actividades pecuárias que estivessem destinadas a estes mercados urbanos³⁶. Zaragoza, que se situa entre um dos mais importantes centros produtores de tecidos, poderia significar uma forte procura de lã³⁷.

A documentação verolense oferece-nos uma vez mais a face senhorial dos monges cistercienses quando estes, através dos inúmeros privilégios reais, recebem direitos de pasto e lenha em extensas áreas em torno de Moncayo. Através dos séculos são igualmente volumosos os litígios com os povoados vizinhos, sobretudo aqueles que possuíam maiores reservas como Ambel e Talamantes³⁸.

Seja como for, chegados os cistercienses, o bosque que devia então marginar os terrenos cultivados, segundo se depreende de algumas delimitações³⁹, começa a retrair-se para dar lugar a novas áreas de cultivo, e os camponeses paulatinamente perdem os seus direitos sobre ele.

Ao tornarem-se senhores absolutos de extensos territórios os monges cistercienses põem em marcha o processo de reorganização do espaço rural, que sem contar com um número significativo de colonos cristãos se realiza com a população andaluza. Desencadeia-se um processo cujo objectivo é agrupar a população andaluza que devia encontrar-se distribuída pelo vale, em pequenas

³⁶ A.H.N. Códice 995-B. *fl.* 33¹. O abade de Veruela dá a Martin de don Oro em uma troca, uma peça que foi de Aiça, el camicero de los albares; o documento não tem data.

³⁷ Barceçó, M. 1988 – pp. 213.

³⁸ O Arquivo Municipal de Borja guarda um sem fim de documentos que tratam das disputas sobre as áreas de pasto e lenha.

³⁹ A.H.N. Códice 995-B. *fl.* 21.

A.H.N. Códice 995-B. *fl.* 16 e 17¹.

A.H.N. Sec. Clero/Veruela, carp. 3766, perg. 4.

A.H.N. Sec. Clero/Veruela, carp. 3766, perg. 9.

Siglas

A.H.N. = Archivo Historico Nacional (Madrid).

A.M.B. = Archivo Municipal de Borja (Borja).

REFERÊNCIAS

- ACIÉN ALMANSA, M. "Poblamiento y fortificación en el sur de Al-Andalus. La formación de un país de Ḥuṣūn" *III congreso de Arqueología Española*. Tomo I. Oviedo, 1989.
- BARCELÓ, M. *et alli*. "La arqueología extensiva y el estudio de la creación del espacio rural" e "Los límites de la información documental escrita" in: *Arqueología Medieval. En las afueras del "medievalismo"*. Barcelona, Critica Ed., 1988.
- BARCELÓ, M. "El diseño de espacios irrigados en Al Andalus: un enunciados de principios generales" *I Coloquio de historia y medio fisico*. Inst. de Estudios Almeirenses, 1989.
- BAZZANA, A. *et* CRESIER, P. *et* GUICHARD, P. *Les Chateaux ruraux d'Al-Andalus. Histoire et Archéologie des Ḥuṣūn du sud-est de l'Espagne*. Madrid, Casa de Velázquez, 1988.
- BERTRAND, M. *et* CRESSIER, P. "Irrigation et aménagement du terroir dans la vallee de l'Andarax (AAImeria): Les reseaux anciens de Ragol" *Melanges de la Casa de Velazquez*. Tome XXI. Paris, 1985.
- CASTAÑER MARTIN, R. M. *Forma y estrutura del lexico del riego en Aragón, Navarra y Rioja*. Zaragoza, Inst. Fernando El Catolico. s/ data.
- KIRCHNER, H *et* NAVARRO, C. "Objetivos, Metodos, y pratica de la Arqueología Hidraulica" in: *Archeologia Medievale*. 1993. (em prensa).
- LEDESMA RUBIO, M.L. "Los mudéjares en Aragón" in: *Rev. Alcorces*, temas aragoneses, 3. Zaragoza, 1979.
- Templarios y Hospitalarios en el reino de Aragón*. Colección basica aragonesa, 37. Zaragoza, Guara Ed, s/ data.
- Cartas de población del Reino de Aragón en los siglos medievales*. Zaragoza, Inst. Fernando, El Catolico/C.S.I.C., 1991.
- LIAUZU, G. "La condition des musulmans dans l'Aragon chretien aux XI^e et XII^e siècles" in: *Hespèris-Tamuda*, 2, 1968 – pp. 200).
- MATEU BELLÉS, J. "Assusts i vores fluvials regades al País Valencià medieval" in: *Los paisajes del agua*, Libro Jubilar dedicado al professor Antonio López Gómez. Valencia/Alicante, 1989.
- VIGUERA, M. J. *Aragón Musulmán*. Zaragoza, Mira Ed., 1988 – pp. 21.



Fig. 2 — Plano de Alcaza de Moncayo ("Cadastral de Rustica de la Diputación General de Aragón").

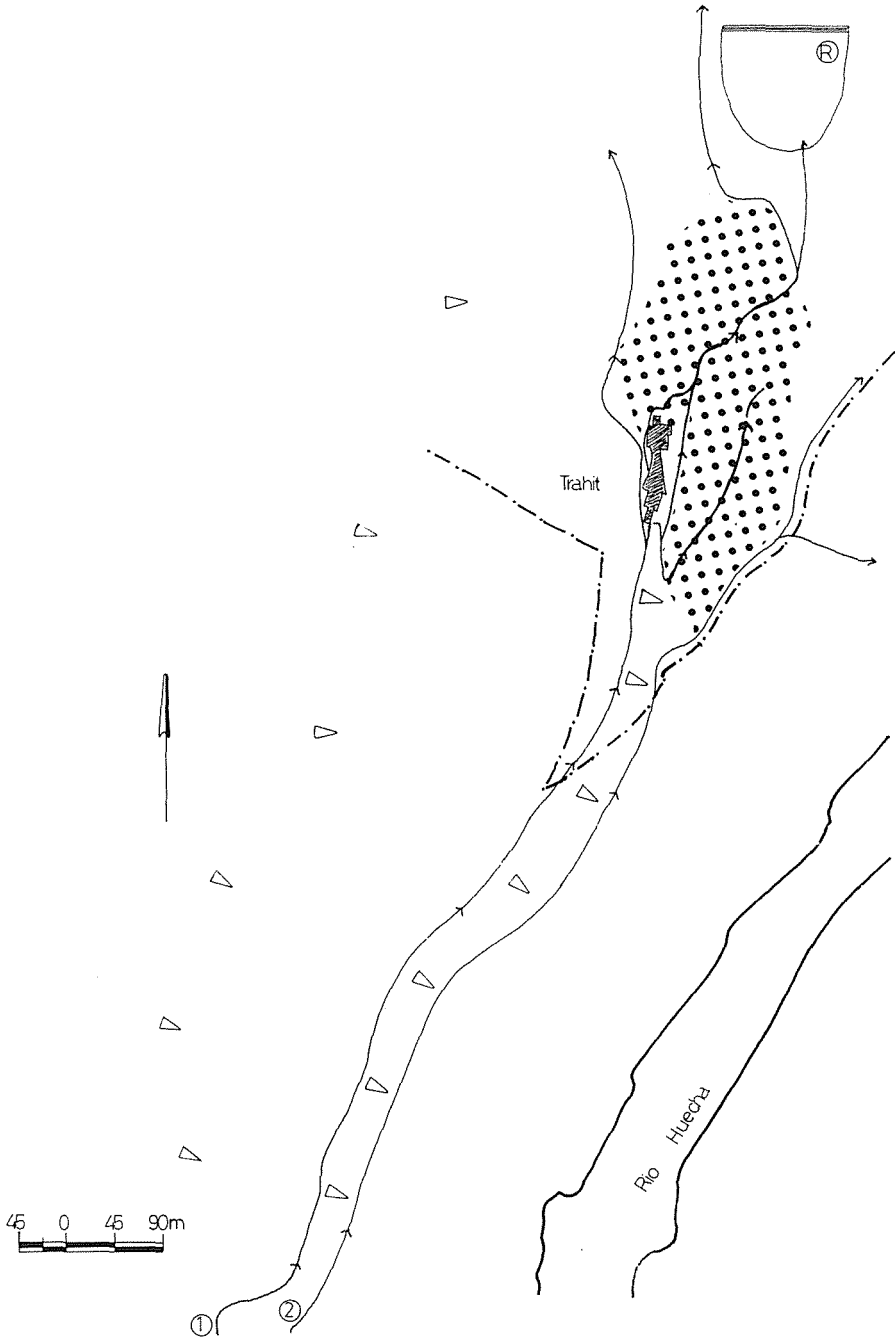


Fig. 4 — Perímetro irrigado de Trahit. 1) Rego de “las cuevas”; 2) Rego de “filuela”.



Cimbra de Anon.

